



PELO FUTURO DA INDÚSTRIA

PANORAMA CONJUNTURAL

Julho de 2022

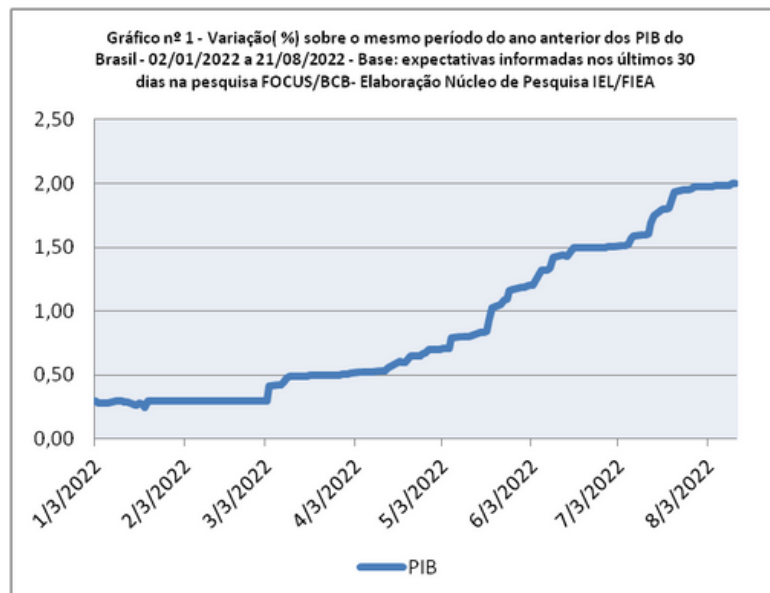
Mercado espera crescimento de 2% do PIB em 2022

As expectativas de crescimento do PIB brasileiro – captadas nas pesquisas realizadas semanalmente junto ao mercado financeiro pelo BCB (FOCUS) –, vem sendo revistas para cima desde o início do ano, como pode ser visto no gráfico nº 1. Em janeiro a mediana dos economistas de mercado estimava crescimento do PIB de 0,45% em 2022. No último boletim FOCUS as projeções haviam subido para 2%. Até início de maio a taxa mantinha-se em 0,5%, passando a escalar desde então. Quais fatores contribuíram para a reviravolta nas expectativas? A partir de abril, a mediana do mercado passa a estimar crescimento do consumo do governo e das famílias, conforme gráfico nº 2, que saem do patamar 0,6% e 0,7% no início do ano para 1,8% e 2,2% registrados no boletim de 19/08/2022. Salto importante foi dado nas projeções do resultado líquido das exportações tendo em vista tanto a revisão para cima crescimento das exportações como para baixo do aumento das importações. Aqui a contribuição maior foi das projeções para as importações.

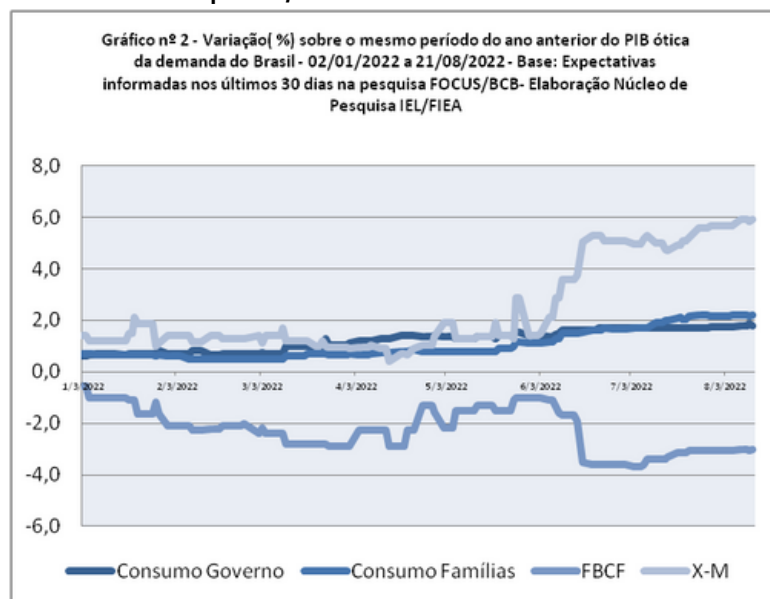
Os investimentos amargam expectativa de redução de 3% e estão pagando a conta do ciclo de alta dos juros para combater a inflação, o que não é nada promissor em termos perspectivas futuras para a economia brasileira.

Três fatores, ao menos, estariam por trás da melhoria nas expectativas do mercado financeiro quanto aos gastos domésticos. O primeiro tem a ver com o impacto de uma série de antecipações de benefícios fiscais como liberação de FGTS, do décimo terceiro para aposentados e pensionistas, vale gás para população carente, aumento do Auxílio Brasil para R\$ 400,00 e recentemente para R\$ 600,00, beneficiando cerca de 20 milhões de brasileiros. .

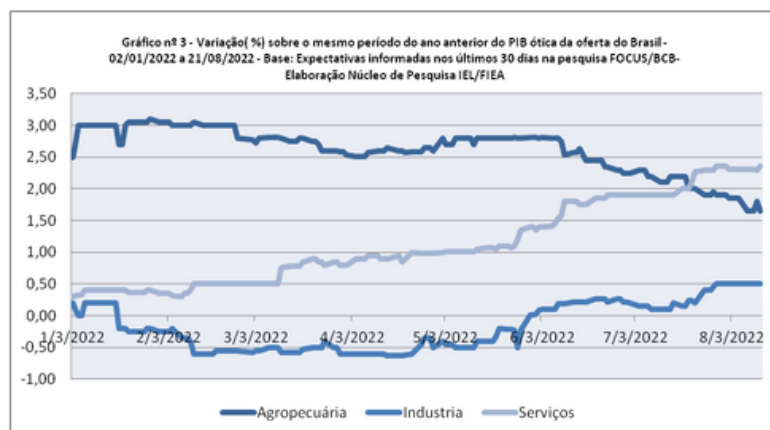
O segundo fator diz respeito ao efeito temporário da redução do ICMS nos preços da energia e combustíveis na taxa de inflação, como será discutido no próximo tópico. O terceiro está diretamente relacionado com o crescimento esperado do setor de serviços cuja estimativa saltou de 0,3% em janeiro para 2,4% em agosto, conforme gráfico nº 3. A aposta do mercado é de que o uso da poupança acumulada pela classe média em 2020 e 2021 associado ao relaxamento das restrições sociais impostas pela COVID-19 alavancarão o setor de entretenimento, comércio e serviços até o final do ano.



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL

Como colocado no Panorama FIEA anterior, ainda não é possível estimar o impacto no aumento do Auxílio Brasil, de R\$ 400,00 para R\$ 600,00, do bolsa caminhoneiro e taxi de R\$ 2000,0 sobre o consumo das famílias nos próximos meses . Por fim, grande parte do maior otimismo do mercado financeiro quanto ao crescimento do PIB este ano tem a ver com a melhoria dos dados no mercado de trabalho.

É importante destacar, no entanto, que dos 98,3 milhões de pessoas empregadas hoje no Brasil a larga maioria encontra-se no setor de serviços com baixa capacidade de agregar valor, são informais e recebem até dois salários mínimos. Não é sem razão que com juros altos e concentração da renda a indústria vem tendo dificuldade de crescer, inovar e aumentar a sua produtividade. Em 1955 a produtividade do trabalhador brasileiro era 25% da do americano, em 1980 chegou a 46% e em 2021 voltou aos 25%. A estimativa é que a indústria cresça 0,5% em 2022.

A deflação de julho de 2022

No mês de julho, o IPCA mensal registrou a esperada deflação de 0,68% com o índice acumulado em doze meses retraindo 1,8%, ou seja, passando de 11,9% de junho para 10,1% no mês seguinte. A Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (ANBIMA), a partir da diferença entre os títulos públicos pré-fixados e os corrigidos pelo IPCA, vem captando sinais explícitos de desaceleração da inflação uma vez que o índice implícito de inflação alcançou recentemente o patamar de 5,8% no vértice de 252 dias úteis, contra 6,0% há um mês. A mediana do mercado financeiro para a inflação esperada nos próximos doze meses, pesquisa FOCUS/BCB, por sua vez, passou de 5,1% para 5,4%.

A aparente contradição entre os dados da ANBIMA e do FOCUS pode estar no caráter temporário da queda no IPCA. A deflação registrada em julho e muito provavelmente em agosto está diretamente associada ao efeito da redução das tarifas do ICMS sobre tarifas de energia e combustíveis (álcool, gasolina e diesel), que tem data de validade até dezembro. Além do ICMS, a Petrobrás tem reduzido os preços dos combustíveis nas refinarias repassando, com mais frequência, as quedas das cotações do Brent em nível internacional e a apreciação do Real frente ao Dólar.

Por sua vez, os sinais dados pelo BCB de que as expectativas de inflação de 2023 e 2024 estão desancoradas tem levado o mercado apostar na continuidade do ciclo de alta da selic, com mais uma alta de 0,25% na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), atingindo 14% ainda em 2022. A curva DI[1] para janeiro de 2023 e 2024, por outro lado, projeta taxas de 13,75%aa e 13,11%aa, respectivamente, sinalizando interrupção no ciclo de alta da selic.

Como destacado no Panorama Conjuntural FIEA anterior, BCB continua precificando um aumento do risco fiscal, mas admite que a tendência da economia brasileira é desacelerar em virtude dos efeitos transitórios dos estímulos fiscais e dos efeitos crescentes sobre a economia da elevação dos juros praticada pela política monetária. Isto significa que apesar da desaceleração da inflação motivada por fatores transitórios, como o efeito redução do ICMS e dos preços pela Petrobras, a selic continuará acima de dois dígitos por um bom tempo. Mesmo que a taxa de referência do BCB esteja no patamar de 11% no final de 2023 e a expectativa de inflação em 3,3% para 2024 a taxa real de juros básica estará um pouco acima 7%, o que inviabiliza projetos de investimentos no setor real da economia.

A inflação provocada pela COVID19 é um fenômeno global e, em função da desorganização das cadeias de suprimentos (inclusive componentes eletrônicos) e das políticas monetárias e fiscais de estímulos, tem conduzido os Bancos Centrais a aumentarem suas taxas de juros. Todavia, em um ranking de juros reais em 36 países o Brasil possui a maior taxa com 8,5%, praticamente o dobro do segundo colocado que é o México, com 4,2%.

Há alguns meses sustentamos que a política de juros altos, mesmo com a defasagem dos efeitos na ponta para consumidores e empresas, tem se mostrado pouco eficaz para fazer frente à inflação provocada, em grande medida, por choques sucessivos de oferta. A deflação resultou da redução do ICMS e dos preços das commodities, como apontado acima, e não em virtude da política de juros altos do BCB.

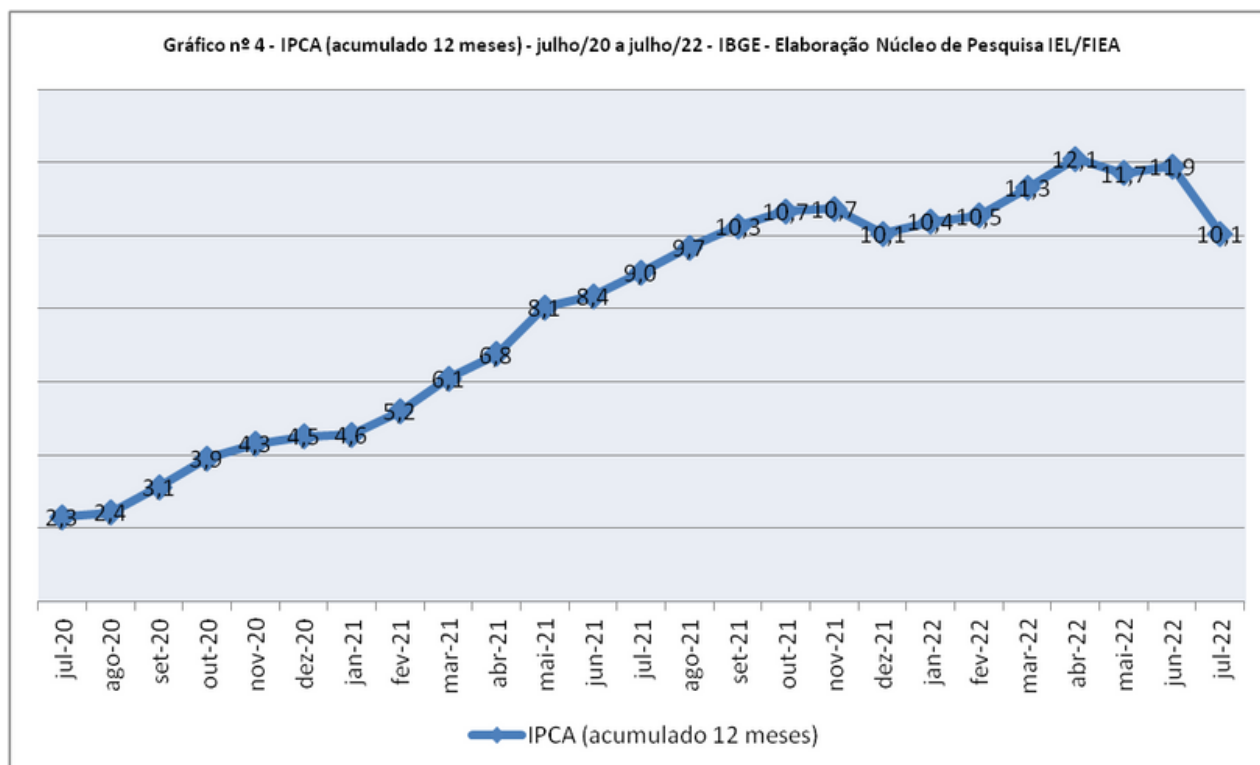
Os efeitos negativos de tal política podem ser vistos nas estimativas feitas pelo próprio mercado financeiro. O PIB, segundo estimativas do FOCUS, deve crescer 0,44% em 2023 após aumento de 2% em 2022 alavancado por pacotes fiscais temporários e crescimento do setor de serviços, sendo este último puxado pelo relaxamento do isolamento social e uso pela classe média da poupança acumulada em 2020 e 2021. O aumento do serviço da dívida pública decorrente do aumento da selic e a redução das receitas das unidades da federação (com a diminuição das alíquotas de ICMS sobre energia e combustíveis) deixaram um cenário fiscal preocupante em um contexto de economia estagnada para os próximos anos.

Por fim, o cenário internacional continua bastante desafiador. Ou seja, aumentam as apostas em uma possível recessão na economia do EUA, podendo se estender à zona do Euro, principalmente com o início do ciclo de alta dos juros pelo BCE e a crise energética provocada pela guerra (Ucrânia X Rússia), atingindo a mais importante economia da região que é da Alemanha. A desaceleração na China, em função de sua política de COVID19 zero, tem puxado para baixo as estimativas de crescimento da economia global e continuará pressionando negativamente os preços das commodities.

[1] Taxa média de Depósitos Interfinanceiros de um dia

A deflação de julho de 2022

Visto que a inflação americana tem se mostrado resiliente, o Banco Central do EUA (FED) acelerou o ritmo de alta dos juros para 0,75% na última reunião de junho e manteve o ajuste neste patamar na reunião de julho. Todavia, o risco crescente de recessão associado a ancoragem das expectativas de inflação a longo prazo nos EUA levou o FED a sinalizar em sua Ata que irá desacelerar a velocidade de ajuste para 0,5%, apesar da inflação nos EUA em julho ser de 8,5%aa e o mercado está dividido. Assim como o FED, está na hora do BCB repensar a sua política de juros.



Fonte: Núcleo de Pesquisa IEL/AL

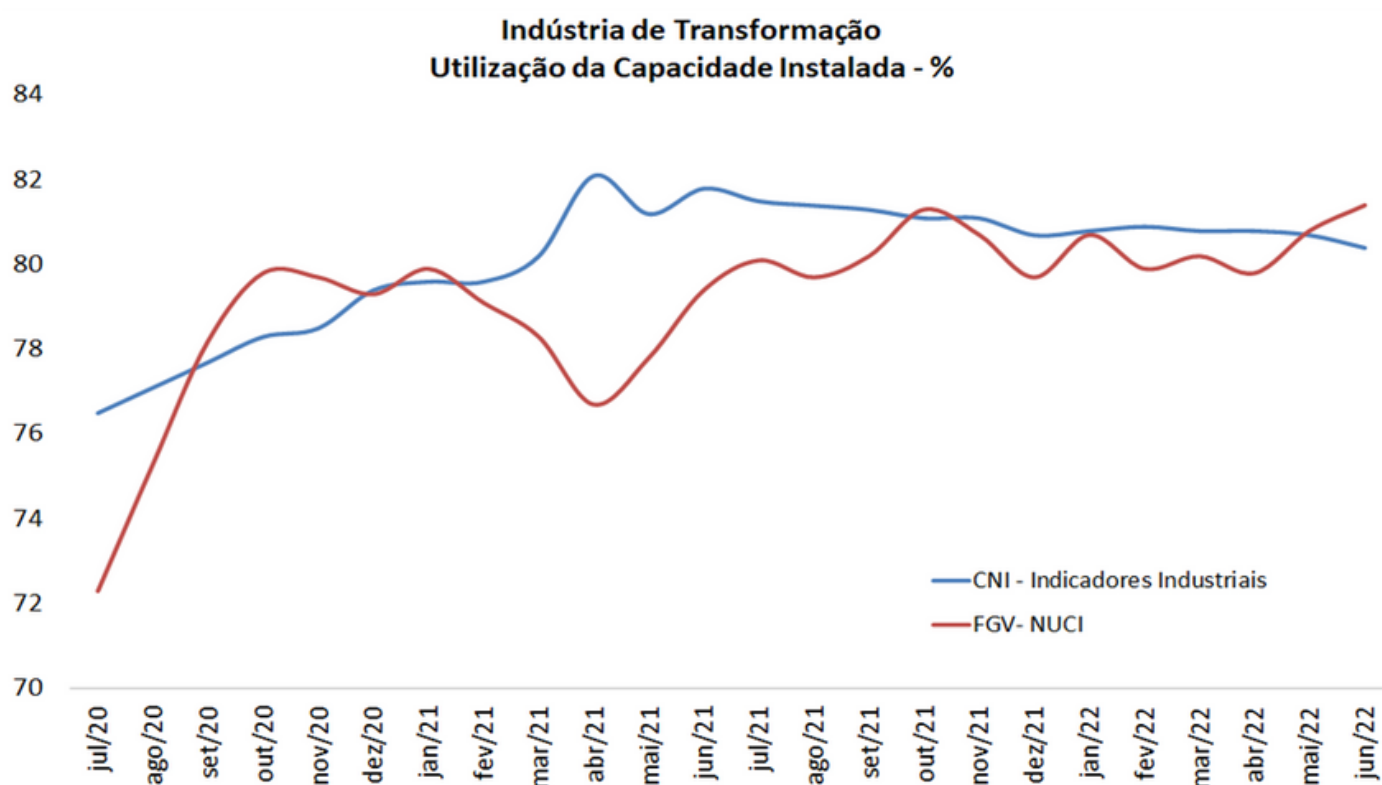
A produção industrial brasileira em junho de 2022

A indústria brasileira em junho de 2022 registrou retração de 0,4% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2021 a produção industrial caiu 0,5%, invertendo a dinâmica de expansão exibida em maio quando cresceu 0,5% (na mesma métrica). De acordo com avaliação do IEDI[2], “Nada disso, porém, comprometeu um movimento amplo de melhora relativa dos resultados entre o 1º trimestre de 2022 e o 2º trimestre de 2022 (73% dos segmentos). O determinante para isso foi uma redução significativa de casos com perdas profundas no 2º trimestre de 2022. O número de segmentos com queda de dois dígitos passou de 47% dos 93 segmentos no 1º trimestre de 2022 para 26% no 2º trimestre de 2022.” No entanto, destaca o IEDI, “Embora este seja, sem dúvida, um aspecto favorável, a melhora relativa não significou crescimento na grande maioria dos casos. Além disso, também é importante observar que praticamente ¼ da indústria de transformação se manteve em situação bastante grave, com perdas interanuais mais intensas do que -10%.”

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	-0,4	-0,5	-2,2	-2,8
Bens de capital	-1,5	0,2	-0,9	7,0
Bens Intermediários	-0,8	-1,8	-2,1	-2,6
Bens de consumo	0,4	1,5	-3,3	-6,0
Bens de consumo duráveis	6,4	2,3	-11,7	16,0
Semiduráveis e não duráveis	-0,7	1,3	-1,0	-3,4
Extrativa Mineral	1,9	-5,4	-3,3	-1,6
Transformação	-0,3	0,1	-2,1	-3,0

A produção industrial brasileira em junho de 2022

Ainda segundo o IEDI, “Em jun/22, a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV com ajustes sazonais, progrediu de 80,8% em mai/22 para 81,4%, ficando acima da média histórica anterior à Covid-19 (79,5%). Em jul/22 este indicador cresceu novamente, chegando a 82,3%. O indicador da CNI, também com ajuste sazonal, vem se mantendo em patamar muito semelhante desde jan/22, apontando para a relativa estagnação do setor. Em jun/22, ficou em 80,4%, pouco abaixo de mai/22 (80,7%). Assim, o indicador encontra-se pouco abaixo da média histórica anterior à pandemia de Covid-19 (isto é, até fev/20), que é de 80,7%.”



Fonte: CNI e FGV

Indicadores Conjunturais da Economia Brasileira

Índice de Preço (%)	2021						2022						
	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
IGP-DI	1,45	-0,14	-0,55	1,60	-0,58	1,25	2,01	1,50	2,37	0,41	0,69	0,62	-0,38
INCC-DI	0,85	0,46	0,51	0,86	0,67	0,35	0,71	0,38	0,86	0,95	2,28	2,14	0,86
IGP-M	0,78	0,66	-0,64	0,64	0,02	0,87	1,82	1,83	1,74	1,41	0,52	0,59	0,21
IPC-M	0,83	0,75	1,19	1,05	0,93	0,84	0,42	0,33	0,86	1,53	0,35	0,71	-0,28
IPA-M	0,71	0,66	-1,21	0,53	-0,29	0,95	2,30	2,36	2,07	1,45	0,45	0,30	0,21
INCC-M	1,24	0,56	0,56	0,80	0,71	0,30	0,64	0,48	0,73	0,87	1,49	2,81	1,16
IPC-FIPE	1,02	1,44	1,13	1,00	0,72	0,57	0,74	0,90	1,28	1,62	0,42	0,28	0,16
INPC	1,02	0,88	1,20	1,16	0,84	0,73	0,67	1,00	1,71	1,04	0,45	0,62	-0,60
IPCA	0,96	0,87	1,16	1,25	0,95	0,73	0,54	1,01	1,62	1,06	0,47	0,67	-0,68

	Indicadores de Confiança I		
	Indicadores do Cenário Externo		
	Taxa de Juros Títulos do Tesouro Americano 10 anos	Preço do Petróleo (Brent) em US\$	Ouro - Nova York (Fixing) em US\$
jul/21	1,23	76,33	1.817,79
ago/21	1,31	74,33	1.776,57
set/21	1,49	83,63	1.766,77
out/21	1,56	82,81	1.786,51
nov/21	1,46	81,60	1.814,84
dez/21	1,51	83,62	1.826,62
jan/22	1,78	104,55	1.913,20
fev/22	1,82	106,89	1.921,20
mar/22	2,35	108,78	1.942,54
abr/22	2,94	106,83	1.911,69
mai/22	2,85	110,96	1.842,18
jun/22	3,02	104,46	1.817,88
jul/22	2,66	97,72	1.735,94

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB)/ (FED)

Indicadores de Confiança II	
Meses	Risco Brasil
jul/21	292
ago/21	307
set/21	314
out/21	337
nov/21	350
dez/21	337
jan/22	331
fev/22	332
mar/22	293
abr/22	321
mai/22	314
jun/22	334
jul/22	348

Fonte: IPEADATA

Meses	Indicadores de Confiança III						
	Taxa de Câmbio Fim de Período R\$/US\$ - Vendas	Swap de 1 ano	Inflação esperada nos próximos 12 meses Mediana	Taxa de Juros Real Ex-Ant	IPCA nos últimos doze meses	Taxa de Juros Selic (% a.a)	Taxa Real Esperada Selic (a.a)
jul/21	5,12	6,92	4,88	1,94	8,99	5,15	-3,52
ago/21	5,14	7,94	4,81	2,99	9,68	5,15	-4,13
set/21	5,44	8,70	5,36	3,17	10,24	6,15	-3,71
out/21	5,64	9,82	5,54	4,06	10,67	7,65	-2,73
nov/21	5,62	11,94	5,88	5,72	10,73	7,65	-2,78
dez/21	5,58	11,54	5,17	6,05	10,06	9,15	-0,83
jan/22	5,36	12,25	5,40	6,50	10,37	9,25	-1,01
fev/22	5,14	12,47	5,60	6,51	10,54	10,59	0,05
mar/22	4,74	12,72	5,70	6,64	11,30	11,25	-0,04
abr/22	4,92	13,01	5,90	6,71	12,13	11,75	-0,34
mai/22	4,73	13,39	6,40	6,57	11,73	12,65	0,82
jun/22	5,24	13,78	5,87	7,47	11,89	13,15	1,13
jul/22	5,19	13,72	4,80	8,51	10,07	13,15	2,80

Fonte: Banco Central do Brasil (BCB).

INDICADORES DE DESEMPENHO

PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

Presidente:

José Carlos Lyra de Andrade

1º Vice-presidente

José da Silva Nogueira Filho

UNIDADE TÉCNICA – UNITEC/FIEA

Coordenador

Helvio Braga VilasBoas

Elaboração

Núcleo de Pesquisas do IEL/AL

COORDENADORA

Eliana Sá

Informações Técnicas

Reynaldo Rubem Ferreira Júnior
Luciana Santa Rita

Consultora GI

Morgana Maria Machado Moura

Estagiários

Alexandre Freire de Albuquerque Alves
Caio Túlio Roberto de Melo Cavalcante
Juliana Alves de Melo
Pedro Monteiro de Oliveira



Contato
(82) 2121-3085
(Eliana Sá)